

MESA 5-3

AS REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO NO ARTIGO OPINATIVO DO JORNAL CORREIO RIOGRANDENSE – 1950-2000

Profa. Ms. Maria Helena Bortolon Rech
Universidade de Caxias do Sul - Brasil

RESUMO: A análise do texto jornalístico opinativo do Jornal *Correio Riograndense* contempla uma abordagem lingüística que entrecruza aspectos teóricos provenientes da Análise de Discurso e das teorias enunciativas contemporâneas, situando a análise no eixo *língua, sujeito e história*. Nesse sentido, o *discurso sobre trabalho* é abordado como marca de identidade do italiano trabalhador. A metodologia contempla uma análise que opera no *fio do discurso*, através da descrição das marcas lingüísticas presentes na seqüência lingüística, o intradiscurso, entrecruzando com o que reside no interdiscurso, os *já-ditos* que constroem a História e que permitem a identificação e a comunicação dos membros de uma comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho; intradiscurso; interdiscurso; sujeito; história.

QUESTÕES INICIAIS

O propósito da apresentação do meu trabalho, no dia de hoje, neste II Encontro Internacional de Pesquisadores da Rede Latino-Americana de Cooperação Universitária, o qual pretende discutir formas de “contribuição perante o desafio da integração”, é o de colaborar no sentido de se obter maior visibilidade das contribuições dos estudos da linguagem na questão da identidade cultural do indivíduo em seu *habitat* mais imediato. Essa questão, hoje, coloca-se como fundamental diante dos desafios e dos processos de mudanças decorrentes da globalização e de seu impacto sobre a identidade cultural.

Talvez, como hipótese, eu possa iniciar dizendo que diante do “perigo” (entre aspas) da homogeneização cultural existe uma forte tendência em valorizar o local, os traços que nos distinguem do global. Nesse sentido, este artigo visa, sobretudo, apontar alguns traços de uma cultura local, a da cultura italiana da região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, vista sob a ótica da ciência da linguagem.

Aventuramo-nos a dizer, inicialmente, que fortalecer o conhecimento da identidade local, *quem fomos e o que somos*, paralelamente às forças que atuam sobre o fenômeno da homogeneização cultural, parece ser um caminho viável, porque o reforçamento das identidades locais pode caminhar paralelo e articulado ao processo de homogeneização, não só do que diz respeito aos aspectos econômicos, mas, de modo muito especial, aos fenômenos sociais e culturais. Precisamos construir um conceito do “NÓS”, mas, antes, precisamos passar pela experiência do EU: *quem fomos e quem somos*.

Pensar em identidade significa pensar em espaços, valores, idéias, artefatos e em construções simbólicas que representam o homem. Pensar em identidade significa pensar, sobretudo, no homem e nos lugares em que ele habita, significa pensar no universo de bens simbólicos criados e ressignificados através de gestos de interpretação.

Nós também ensaiamos um gesto de interpretação sobre os valores visíveis, ou, no mínimo, daqueles que se mostram de modo mais cristalizados, como características do povo da região de Caxias do Sul, enquanto pólo integrante das antigas colônias italianas na Região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Iniciamos, perguntando: - Quais os principais valores que, sistematicamente e ininterruptamente, vêm sendo referidos como referenciais culturais dessa região? Como relacionar esses valores a uma identidade? Como associar linguagem e identidade? Que imagem, ao longo do tempo, foi sendo consolidada como a

identidade dos nossos descendentes de imigrantes italianos? O que permanece como um ***sempre já-ai*** nessa complexa rede de sentidos que constroem uma determinada imagem de identidade cultural através do que é *dito*?

Das indagações que fizemos, surgiram algumas respostas, embora passíveis de críticas. Nessa diretriz, pensamos que a leitura do passado, no seu sentido mais literal, ou seja, uma leitura dos arquivos existentes que falam do povo e do seu modo de ser, assim como dos fatores que contribuíram para construir as cidades e a região, enfim, a história de todos os fatos ao longo do tempo, relatos esses que podem ser ideologicamente controvertidos sobre uma dada cultura, ajudam-nos a compreender quem fomos. Para nós, estudar o “quem fomos” ajudam-nos a identificar o “quem somos”.

A procura de um objeto palpável que nos pudesse levar ao conhecimento do “quem fomos” recaiu sobre o estudo do texto escrito inserido em um produto cultural muito significativo, até pela própria história e trajetória desse bem cultural.

Assim, escolhemos o texto jornalístico como um lugar de possibilidades de rever valores que construíram a história da comunidade de origem italiana, pelos discursos veiculados na imprensa escrita. Ao escolher o texto, procuramos o lugar onde esses discursos se abrigam, o lugar em que foram gestados e divulgados. Foi, assim, que elegemos o jornal *Correio Riograndense* como um *lugar possível* de construção e de reconstrução dos valores que nortearam e ainda orientam a comunidade alvo de nosso estudo.

Mas, por que o *texto* e por que esse *jornal*?

Escolhemos o texto porque se trata de um documento que registra, manifesta e (re)constrói o movimento dinâmico dos fatos, das táticas, das transgressões, das estratégias e das circunstâncias que compõem as conjunturas históricas e sociais de um povo e de uma nação. Toda análise começa pela linguagem, pelo que é *dito* sobre uma dada situação concreta da realidade, e, nesse sentido, o texto funciona como um certificado de presença capturada, ou como um flagrante do real, tanto do aparentemente real mais próximo, quanto do sentido global que veicula a memória social e coletiva de um povo. É nesse sentido que o texto concretiza a relação entre linguagem e história.

Escolhemos o jornal porque os meios de comunicação, como agentes de mudança social e cultural, têm recebido considerável ênfase como objeto de pesquisa das ciências sociais. A imprensa, nesse contexto, sempre foi considerada importante para a circulação de valores, de padrões de comportamento e de consolidação de fenômenos culturais e de identidade de grupo, região ou de nação. Dessa forma, abordamos o discurso a respeito do trabalho, em um jornal inserido no contexto sociocultural das antigas colônias italianas do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, a partir de um produto cultural, o artigo jornalístico de opinião, um lugar de construção e de reconstrução de conhecimentos e crenças.

A importância histórica do Jornal *Correio Riograndense*, atualmente editado pela Sociedade Literária São Boaventura, se deve à própria história dos frades capuchinhos que chegaram no Rio Grande do Sul em 1896. Sua missão era atender aos imigrantes italianos e, segundo relatos, foi marcante a influência religiosa, cultural, social e econômica que eles exerceram na região desde então. Nestes 108 anos de presença, muitas comunidades se desenvolveram e cresceram assistidas pelos frades capuchinhos, e a imprensa católica do Rio Grande do Sul deve muito à semente plantada pelo seu pioneiro, Frei Bruno de Gillonnay.

O jornal foi fundado em 1909, em Caxias do Sul, com o nome *La libertà*. Foi transferido em 1910 para Garibaldi e, sob outra direção, recebeu o nome de *Il Colono Italiano*, circulando até 1921. Nesse ano, tornou-se propriedade dos frades capuchinhos, e o nome mudou para *La Staffetta Riograndense*, assim permanecendo até 1941. Nesse ano, por ordem de Getúlio Vargas, que proibiu o uso do dialeto italiano, o jornal mudou de nome para *Correio Riograndense* e começa a ser publicado em português.

Nesse contexto, portanto, o presente trabalho focalizará aspectos teóricos que dão suporte à análise do texto selecionado e, na seqüência, de forma sucinta, serão apresentados os resultados obtidos da análise de um texto e, no conjunto, os resultados finais gerais da análise realizada com cinco (5) textos jornalísticos cujo tema central era o *trabalho*.

1 A CULTURA

Pensar em cultura significa pensar em construções e desconstruções simbólicas; significa, especialmente, pensar no homem, nos lugares plurais em que ele habita e nas redes de dizeres em que está mergulhado; significa vê-lo na diversidade de suas práticas cotidianas e na variedade dos artefatos culturais que inventa como formas de representação de suas crenças e valores. Esse universo de bens simbólicos significa, portanto, o indivíduo, considerando que cada produto criado e cada lugar por ele habitado são ressignificados por meio de novos gestos de interpretação e de criação.

Os textos jornalísticos são, nesse sentido, artefatos que operam na construção de representações (Quando falamos em *representação*, não nos referimos a uma representação como correspondência adequada a algo verdadeiro, como um espelho da realidade, mas como significados em permanente construção e recomposição no social, não neutros, mas segundo relações ideológicas e de poder.) sobre modos de viver e de pensar de uma coletividade, constituindo, reforçando ou até mesmo renovando realidades culturais existentes na sociedade em que circulam. Portanto, relações, identidades e comportamentos passam a ser (re)criados e/ou (re)produzidos nos discursos veiculados também pelo jornal.

Considerando que a linguagem não deve ser vista apenas como um sistema de simbolização abstrato, mas também como parte da estrutura social, da vida concreta dos falantes, a proposta deste artigo consiste em abordar um artefato cultural que, simbolicamente, através da linguagem, apresente e represente o indivíduo situado no tempo e no espaço de uma dada coletividade. A escolha de um produto jornalístico de uma instituição de comunicação social, inserido em um contexto cultural, parece-nos ser uma escolha adequada para tratar da relação língua(gem), sujeito (Neste texto, apenas levaremos em conta o locutor, ou seja, aquele que fala, e não o interlocutor, o receptor do texto.) e história, (O conceito de História aqui subentendido é o da ordem da memória e não da ordem cronológica linear dos acontecimentos. Isso significa que o *já-dito* também significa na atualidade dos sentidos e dos fatos, através do jogo da memória.) tendo em vista que uma rede de relações se afirma e produz efeitos pelos discursos que o jornal mobiliza.

A nossa escolha recaiu no artigo opinativo do jornal *Correio Riograndense*, um jornal. semanário, fundado em 1909, pelo freis da Ordem dos Capuchinhos, em Caxias do Sul. Há quase um século, portanto, faz circular opiniões, críticas, informações, notícias e eventos significativos da história da região das antigas colônias italianas (embora não exclusivamente) do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Muitos temas aí tratados associam-se, portanto, de forma intrínseca à cultura local, aos seus valores, crenças e modos de ser do indivíduo inserido em um contexto sociocultural. É o que hipotetizamos sobre o discurso a respeito do *trabalho*, que marca forte presença nos artigos publicados por esse jornal, ao considerarmos que o conceito de trabalho assumido por essa empresa jornalística está ligado à experiência do cotidiano da comunidade em que circula o jornal, uma comunidade que transforma o trabalho, enquanto atividade de sobrevivência, em um valor ético marcadamente propulsor de comportamentos, tanto individuais quanto coletivos, que identificam a comunidade a que referimos nesta pesquisa como *região italiana do trabalho*.

A escolha de um lugar teórico de onde será possível falar sobre o discurso do trabalho no texto opinativo jornalístico levou-nos a estudos que dialogam com a Enunciação, a Pragmática, a Semântica e a Análise de Discurso, entrecruzando a

descrição dos fatos da língua e a interpretação dos discursos da realidade social. Essencial nessa proposta de abordagem é ultrapassar o limite restrito das formas lingüísticas para abordar os efeitos de sentido que se instituem no encontro entre as marcas presentes na seqüencialidade lingüística e o que constitui o *déjà-lá* do interdiscurso, conforme refere Malidier (1992). Nesse sentido, a análise do texto selecionado privilegia uma abordagem lingüística enunciativo-discursiva da linguagem, que toma a enunciação como uma dimensão constitutiva do discurso

A existência do discurso sobre o trabalho, enquanto característica da comunidade da antiga região de colonização italiana, fundamenta-se (ou origina-se), no nosso entendimento, em três discursos que permeiam a formação de sua identidade: (1) o discurso sobre o italiano trabalhador – um discurso fundante, uma crença que funciona quase como um mito, porque capaz de mobilizar formas de vida, de reforçar e de instigar modos de proceder de uma coletividade em um cotidiano partilhado, a ponto de tornar conhecida essa comunidade como a região da etnia italiana, (Há um perfil identitário construído em torno do imigrante ligado à ética do trabalho, uma imagem de sucesso do descendente de europeu trabalhador, construindo no Rio Grande do Sul o “celeiro do país” (COSTA, 1997).) da uva, do vinho, do trabalho, do progresso e da riqueza; (2) o registro da imigração italiana capitalizado pelos pesquisadores, uma atitude da comunidade científico-acadêmica e de estudiosos e historiadores da região frente a um processo que visa conservar as raízes culturais; (3) o discurso dos meios de comunicação, especialmente do Jornal Correio Riograndense, portavoz dos valores e da ideologia religiosa católica que contribuiu (e ainda contribui) para solidificar a fé dos imigrantes e de seus descendentes italianos, através de um referencial sobre o trabalho que associa a idéia de peso e sacrifício a um sentimento espiritual de redenção e continuação da obra de Deus pelo trabalho.

Neste artigo, portanto, hipotetizamos que esse conjunto de crenças pode ser visto como capaz de legitimar relações de identidade cultural, as quais justificam uma determinada maneira de ser do indivíduo frente à realidade, capaz de referir esse indivíduo que vive neste espaço geográfico da Região Nordeste do Rio Grande do Sul como italiano trabalhador.

Dessa forma, a memória da história, que se mantém a partir da relação trabalho, terra e religião, integra-se a um dizer que vem continuamente sendo atualizado sobre o povo e a comunidade colonizada por italianos, por seus descendentes e por todos os que procuram essa região por razões, principalmente, econômicas. Isso caracteriza um discurso de identidade. (Hegel (apud MARCONDES, 2000, p. 218) formula sua concepção acerca do processo de formação de consciência a partir de uma tríplice dialética, indispensável para se pensar a questão da identidade: (a) a vida social; (b) a linguagem ou os processos de simbolização; e (c) o trabalho, ou a maneira como o homem interage com a natureza para dela extrair seus meios de subsistência.)

2 PROPOSTA TEÓRICA

Situamos a análise do texto levando em consideração os seguintes aspectos: (1) um **percurso de análise** – partir do sistema da língua para chegar ao discurso. A língua é um sistema não autônomo, e o discurso é um objeto construído, ao mesmo tempo, por regularidades e por um movimento no qual não se dissociam o *intradiscurso* (seqüencialidade lingüística) e o *interdiscurso* (isso que está *sempre-aí*), conforme refere Malidier (1992); (2) um eixo de análise – considerar na análise os recursos da língua, a movimentação do sujeito e a história dos sentidos que se presentificam na atualidade discursiva; (3) **um objeto de análise** – descrever e interpretar as marcas da enunciação no discurso sobre o *trabalho*.

Historicamente, sempre houve infundáveis esforços no sentido de conferir cientificidade ao fenômeno da língua para romper as dicotomias existentes entre os aspectos *interno/externo*; *subjetivo/objetivo*; *singular/geral* da língua. Foi em função das necessidades de construir explicações para fenômenos internos ao sistema, ou

seja, aquilo que no próprio sistema não encontrava fundamento, que marcou um verdadeiro diálogo com o “exterior” da língua. Foi assim que, ao longo do tempo, uma redobrada atenção foi dada às práticas discursivas.

O mérito de Benveniste (1989,1995), nesse sentido, foi o de romper a barreira do fechamento do sistema pelo estudo da significação, de modo mais geral, e mais particularmente, pelo estudo da subjetividade da língua. Pelo estudo dos dêiticos, Benveniste, ao relacionar os signos à sua enunciação, organiza as relações de espaço e tempo ao redor do sujeito. Dessa forma, inaugura-se um novo modo de ver os fenômenos lingüísticos através de questões relacionadas: (a) ao locutor (o sujeito da enunciação); (b) ao interlocutor (para quem o discurso é produzido; (c) à situação em que a enunciação é produzida (marcas espaço-temporais de produção de discurso); (e) ao referente do discurso (sobre o quê o discurso trata). É nesse sentido que a língua é tida como um fenômeno heterogeneamente constituído, podendo-se observar a movimentação do sujeito na cena enunciativa.

Na singularidade do acontecimento, estabelecem-se os significados, porque o lugar de produção da língua é o acontecimento enunciativo, cujo movimento implica uma relação entre o sujeito que enuncia com o *aqui* e o *agora* da enunciação. As palavras que emergem da língua têm significados, mas é no uso, numa situação única, que a palavra adquire existência. Dessa forma, há sempre uma referência única da palavra, porque agrega um sentido próprio à situação de enunciação.

Oswald Ducrot (1977, 1980, 1987 e 1988), um lingüista que também trabalha com o sistema da língua, notabiliza-se entre os teóricos da enunciação por apresentar uma semântica da enunciação que inclui e analisa diferentes papéis assumidos pelo sujeito falante, isto é o *locutor* e o *enunciador*. Trata-se da concepção polifônica da enunciação. Nesse sentido, a polifonia, um termo proveniente do universo teórico de Backthin (1999, 2000), assume características especiais na medida em que refere que um enunciado não faz ouvir “uma só voz”, ou seja, no interior do enunciado há um contínuo diálogo de vozes que ali aparecem. Os mecanismos polifônicos referidos por Ducrot (1988), que devem ser abordados sem recurso a outro campo que não o estritamente lingüístico, permitem identificar, no nível do enunciado, os vários pontos de vista expressos por figuras discursivas que o autor denomina de locutor, alocutário e enunciador. O autor de um enunciado nunca se expressa diretamente, mas o faz por meio de personagens fictícios, e o sentido do enunciado resulta das diferentes vozes que aí aparecem.

Nessas diferentes vozes ao nível do enunciado, podemos avançar em nossa análise e considerar que esses vários pontos de vista referem-se a realidades que estão presentes no mundo histórico-social como posicionamentos assumidos por sujeitos que dialogam com a realidade cultural em que estão imersos. Dessa forma, podemos lançar mão de teorias que levam em conta os fenômenos discursivos da linguagem.

Do enunciado para o discurso, trazemos os conceitos trazidos por Pêcheux (1997a-b) – e elaborados com Paul Henri –, como os de *interdiscurso* e o *intradiscursivo*, em que os sentidos do *aqui-agora* da enunciação cruzam-se com outros dizeres, com os *já-ditos*, que residem na memória e que, portanto, constroem sentidos. Através do sujeito que fala, que movimenta a língua, conectam-se saberes culturais e ideológicos que influenciam os interlocutores e as suas leituras do mundo e, principalmente, suas práticas, interpretações, vivências e um modo de ser, um conjunto, enfim, de significações que constitui a identidade cultural e que possibilita a comunicação do indivíduo na comunidade em que está inserido.

O texto, especialmente do texto jornalístico, enquanto artefato cultural que retrata e refrata elementos presentes na cultura local onde circula, influenciando novos modos de pensar e de agir coletivos, mostra o sujeito locutor dialogando com a realidade que o cerca pela linguagem na medida em que esta representa o modo

de viver e de pensar de uma coletividade, porque o sujeito falante que *assume* a sua “fala” reproduz realidades culturais existentes na sociedade e, ao mesmo tempo, introduz valores e modos de pensar através do que fala e do modo como fala.

Balizado esse terreno, abordamos, com vistas à análise descritiva dos elementos da materialidade léxico-sintática no enunciado, alguns aspectos dos estudos de: (1) Sophie Moirand (1990), no que diz respeito às questões de modalização; (2) Oswald Ducrot (1988) e os mecanismos polifônicos que permitem identificar, no nível do enunciado para chegar a uma concepção enunciativa do sentido, os vários pontos de vista expressos por figuras discursivas, que o autor denomina de locutor, alocutário e enunciadores; e (3) Kerbrat Orecchioni (1980), que descreve unidades que funcionam como índices da subjetividade na linguagem.

Quanto à análise de discurso, tomamos a teoria de Pêcheux, especialmente a terceira fase de seu projeto teórico (anos 80), que leva em conta a heterogeneidade do sujeito e do sentido, abrindo possibilidades de tratar a noção de historicidade pela noção de *acontecimento*, este entendido como o encontro de uma atualidade dos sentidos com o que procede da memória do dizer. Sair do nível da descrição lingüística, mas sem abandoná-la, para abordar a exterioridade, o tecido social, histórico e cultural, é o que nos permite Pêcheux se considerarmos a terceira fase de sua teoria e os conceitos de discurso, interdiscurso e intradiscurso.

Michel Pêcheux (1997b, p.16), em sua conferência “Marxismo e interpretação da cultura: limites, fronteiras e restrições”, proferida na Universidade de Illinois Urbana-Champaign, em 1983, propõe que o discurso seja abordado pela via do *acontecimento*, que ele define como ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória, configurando, dessa forma, uma relação entre a análise como *descrição* e a análise como *interpretação*. O que ele tenta mostrar é que qualquer enunciado, marcado por uma materialidade léxico-sintática, imerge em uma “rede de relações associativas implícitas – paráfrases, implicações, comentários, alusões, etc. – isto é, em uma série de enunciados, funcionando sob diferentes registros discursivos, e com uma estabilidade lógica variável” (p. 5). Referia-se aos arranjos histórico-sociais de constelações de enunciados que estão sujeitos a interpretações, isto é, possíveis de serem tomados em redes de memória, com desdobramentos de sentido. Esse posicionamento de Pêcheux permite que pensemos os sentidos em seus desdobramentos, refletindo-os nos entremeios, no *fio do discurso*, (Por aproximação ao significado de intradiscurso, Authier-Revuz usa o termo *fio do discurso*.) não os ajeitando nas evidências e no lugar *já-feito*.

Diante desses pressupostos (sucintamente delineados), segue uma análise de texto que pretende ser apenas uma tentativa de abordagem que toma o *discurso* como um objeto construído, ao mesmo tempo, por um movimento no qual não se dissociam: (1) o *intradiscurso* (o que aparece na superfície discursiva, na língua, ou, como diz Pêcheux (1997b), “discurso como estrutura”: e (2) o *interdiscurso* (isso que fala antes, em outro *lugar e independentemente*).

EXERCÍCIO DE ANÁLISE

TEXTO: Dia do trabalho (ver anexo no final da matéria) de **Francisco Galvão – Publicado em 28/4/1954**

O texto selecionado foi publicado no jornal *Correio Riograndense*. Caracteriza-se por apresentar um discurso de homenagem ao trabalhador e ao trabalho, considerando a publicação do artigo nos dias que antecede o Dia do Trabalho (1º de maio). Nele, observamos a movimentação do sujeito locutor e os pontos de vista assumidos no enunciado, perspectivas provenientes do jogo de linguagem entre a atualidade do acontecimento, o *aqui-agora* da enunciação, e o que se recupera pela memória da história e da cultura social.

A análise do texto abrangerá dois níveis: (1) o nível descritivo, intradiscursivo; e (2) o nível interpretativo, ou os efeitos de sentido que se instituem no encontro entre a seqüencialidade lingüística e o interdiscurso. O nosso empreendimento teórico e metodológico visa instituir um lugar em que os sentidos podem ser analisados no texto selecionado a partir do encontro entre *sujeito, língua* e história – sociedade.

O que buscamos, de fato, é identificar o modo como o sujeito diz e assume o que diz. Recuperar as marcas lingüísticas e interpretá-las a partir do contexto social em que se situa o texto publicado poderá indicar um certo modo de ser e um agir específico de uma coletividade de indivíduos que compartilham bens sociais e culturais comuns.

Portanto, o primeiro nível da análise, o **intradiscursivo**, compreende a descrição e os efeitos que as marcas léxico-sintáticas operam no *fio* da seqüência discursiva, demonstrando que ali discursos são produzidos em outros lugares e em outros momentos. Tais segmentos, argumenta Pires (2001, p. 324), “não podem ser descritos e interpretados sem que se leve em conta o registro do sujeito, já que são pontos de *expressão da subjetividade*, atestando a *presença do homem na língua*”. Sobre a descrição, o enfoque nesta análise, serão as formulações de linguagem e o saber discursivo que está sendo construído.

O segundo nível, o **interdiscursivo**, compreende os efeitos de sentido que se instituem no ponto de encontro entre o que está sendo dito no *fio do discurso*, na seqüencialidade lingüística, e a rede de sentidos socioculturais e ideológicos existentes do interdiscurso, isso que vem de um *sempre-aí* da memória e da história.

O texto opinativo jornalístico será tomado como uma atividade enunciativa ligada a um gênero de discurso: o lugar social de onde emerge o texto, e o modo como são proferidos os enunciados pelo locutor.

A análise dos textos inicia pelas indicações referenciais do texto (título do texto, autor e data), segue com a contextualização, que elucida as circunstâncias que envolvem o texto, tais como a sua situação no interior da edição da publicação, a identificação do autor e o sentido geral que se mostra na visibilidade material do texto. Como a análise focalizará o enunciado e sendo este um segmento do discurso, ele é proferido num certo lugar, situado num tempo social e historicamente definido por um locutor que ocupa um lugar na estrutura social da qual faz parte e que se dirige para um certo protótipo de interlocutor. Por essas razões é que denominamos, na análise dos textos, de *contextualização*. (Pêcheux desenvolve a noção de *condições de produção*, a qual se confunde com *situação de enunciação* de Courtine (TEIXEIRA, 2000, p. 30).)

3.1 Seqüências enunciativo-discursivas

Apresentamos abaixo o Quadro 1 que agrupa as *seqüências enunciativo-discursivas*, objeto de nossa análise em relação ao discurso que vai sendo desvendado pelos enunciados. Esses enunciados serão indicados *pela sigla SED*, entendendo-se por *seqüência*, de acordo com o sentido atribuído pela Escola Francesa (MAINGUENEAU, 1998, p. 128), como uma unidade de tamanho igual ou superior à frase que é extraída da continuidade dos textos. A essa designação, *SED*, segue-se um número que indica a localização do enunciado no parágrafo do texto publicado.

QUADRO 1 – SEQÜÊNCIAS ENUNCIATIVO-DISCURSIVAS DE ANÁLISE

SED 1	No dia primeiro de maio, em todo Brasil, erguem-se hinos de louvor ao trabalho.
SED 2	E lembramos essa imensa colmeia (<i>sic</i>) humana que se agita e afana nas fábricas, nas oficinas, nas escolas, nos escritórios, nos bancos acadêmicos, nos campos. Uma (<i>sic</i>) caudal inexgotável (<i>sic</i>) de energias humanas que dia a dia se consomem em benefício da humanidade

SED 3	...] Lembramos as mãos calejadas e gretadas, sujas de terra e negras ao contato das fábricas e oficinas, as frfontes tostadas pelo sol e enrugadas pelas vigílias de esquisas nos laboratórios, as cabeças inclinadas sssobre grossos volumes, em busca de luzes, a esfalfante tarefa de abrir olhos à luz dos livros nas escolas, oos passos suaves dos que vigiam a noite toda a cabeceira dos doentes, o trabalho mudo dos joelhos ddobrados e das mãos juntas na prece.
SED 4	É poema grandioso e profundamente humano, que se renova no milagre quotidiano dum imenso esforço conjugado no qual se casam o ranger dos arados, o chiar dos carros dos bois, os silvos das locomotivas, o retumbar das máquinas, o ferver, o fervor dos engenhos, o clamor dos sinos, o clangor dos clarins dos quartéis [...] em que se extenuam braços, e se esfaltam corações, e ardem cérebros, e resfolegam fábricas, e estrugem estaleiros, e vozeiam mercados, e soletram escolas, e rezam igrejas.
SED 5	É o milagre da criação, iniciada por Deus Onipotente e continuada pelos homens.
SED 6	Vivemos numa época em que o conceito do trabalho sofre uma deturpação odiosa. Ao revés de ser elemento de progresso e felicidade na ordem física e moral, é tido como um pêso (<i>sic</i>), uma tortura e uma maldição.
SED 7	A preocupação é a fuga desse “peso” [...] A mentalidade da nossa geração, conturbada e trabalhada por uma filosofia pagã e materialista, é viver sem trabalhar, fugindo a esse imperativo do qual ninguém pode furtar-se, sem desordens morais e graves conseqüências. Sem dúvida, uma das causas fundamentais da desordem e da miséria material e moral da nossa época reside no horror ao trabalho.
SED 9	Sem o trabalho, não há progresso.
SED 10	Uma nação, uma sociedade, uma família que não trabalha não pode progredir e será um peso morto para a coletividade humana.
SED 13	Quem não trabalha será presa fácil de todas as desordens, porque a ociosidade é a “mãe de todos os vícios”. Economicamente o trabalho é indispensável ao progresso, à riqueza e à prosperidade.

Na seqüência, apresentamos a análise descritiva das marcas que funcionam como pistas, que serão interpretadas à luz de teorias que privilegiam a exterioridade histórico-social.

Contextualização no jornal

O texto *Dia do trabalho* é assinado por *Francisco Galvão*, pseudônimo que substitui o nome civil, Adelar Santos Vicenzi, e o nome religioso de capuchinho, Frei Armindo. Esse texto, no interior no jornal *Correio Riograndense*, não está impresso numa seção especial e específica para artigos de opinião. Convém mencionar que nem todos os artigos de opinião pesquisados e publicados até então encontravam-se numa página assegurada à publicação desse gênero textual. Textos com características que evidenciam o gênero opinativo/comentário aparecem de uma edição a outra em páginas diferentes.

Nível intradiscursivo

O tema do texto é *louvação ao trabalho, este como fator de realização e dignidade do homem e do trabalhador*.

O valor argumentativo do texto está no jogo de forças semânticas, cujos sentidos ora antagonizam-se entre si, ora se associam, orientando o interlocutor para um determinado ponto de vista do sujeito falante – o locutor (*L*) – sobre o discurso do trabalho. Dessa forma, no texto, aparece um jogo contrastivo direcionado para um ponto de vista, e as relações encontradas e descritas abaixo permitem inferir

algumas razões para o interlocutor orientar sua interpretação para determinadas conclusões. Assim, depreendemos:

3.3.1 Correlações semânticas – redes associativas (Neste artigo, analisamos não só os enunciados em relação ao discurso, mas também os blocos de enunciados encadeados que instituem efeitos de sentido em relação ao discurso.)

3.3.1.1 *Associações que dão idéia de positividade do trabalho* (trabalho como esforço) – (a) trabalho se associa à idéia de *mãos calejadas e gretadas, sujas de terra e negras ao contato das fábricas e oficinas; esforço conjugado no qual se casam o ranger dos arados, o chiar dos carro, dos bois, os silvos das locomotivas, o retumar das máquinas...; milagre da criação iniciada por Deus; fator de progresso e da harmonia espiritual; dignidade; ordem e riqueza material*; (b) trabalhador se associa à idéia de *indispensável ao progresso, à riqueza e à prosperidade*;

3.3.1.2 *Rejeições (deturpações) que, implicitamente, orientam para a perspectiva de positividade do trabalho* (visto como esforço). O locutor rejeita as seguintes idéias: (a) de o trabalho ser visto como *“peso”, uma tortura e uma maldição*; (b) de o homem *ter horror ao trabalho; de viver, gozar, sem trabalhar; fugir de toda ocupação que exija sacrifícios, suores; de correr aos postos públicos*.

Assim, através de uma leitura contrastiva, apoiada no jogo de associações e rejeições, inferimos que o locutor do texto exalta o homem que trabalha na perspectiva de *“esforço” (mãos calejadas, enrugadas, frentes tostadas pelo sol, em que se extenuam braços...)*, porque *é poema grandioso e profundamente humano*, e condena aquele que vê o trabalho como *“peso”, tortura ou maldição*. O trabalho, portanto, é representado como *atividade* que mobiliza todas as forças físicas do indivíduo, mas isso não é visto como sofrimento ou peso. O locutor assume uma posição quando diz que *vivemos uma época em que o conceito de trabalho sofre uma deturpação odiosa [...] a fuga desse “peso” – SED 7*. A deturpação é, pois, pensar o trabalho como *peso*.

Ao empregar aspas (O emprego de aspas faz parte de um estudo mais amplo sobre o discurso relatado (direto e indireto), que inclui o emprego de aspas, itálicos, citações, alusões, pré-construídos, etc., feito por Authier-Revuz (1998). Neste estudo, não será abordado o ponto de vista da autora.) na palavra *“peso”*, o locutor faz alusão a um outro enunciador que vê o trabalho como *tortura e maldição* (SED 6), porque o lema da nova geração é, segundo ele, *viver, gozar, sem trabalhar* (SED 11). Dessa forma, o locutor assume a perspectiva do enunciador-1 (E1), ou seja, considera o trabalho como esforço e sacrifício que dignificam o homem.

Nesse jogo de significados, aparece, de um lado, as marcas que exaltam o trabalho como um sacrifício: *mãos calejadas e gretadas, sujas de terra e negras*. Cristo é invocado como um

exemplo, pois trabalhou *pelo dilatado espaço de trinta anos na oficina de S. José*. Por outro lado, o locutor condena os que encaram o trabalho como *peso*, os que o invocam como *tortura, peso e maldição*. Há um jogo entre um explícito e um implícito que aponta o seguinte: a) quanto mais trabalha, mais o homem se dignifica; b) quanto menos trabalha, menos digno é o homem. Portanto, o trabalho é uma labuta penosa, mas indispensável para que o homem se dignifique.

3.3.1.3 *A negação* - Nesse quadro contrastivo, do ponto de vista discursivo, as asserções negativas que destacamos são: SED 9 – *sem o trabalho não há progresso*; SED 10 – *uma família que não trabalha não pode progredir*; SED 13 – *quem não trabalha será presa fácil de todas as desordens*.

Essas asserções reforçam a posição defendida pelo sujeito locutor, mas fazendo uma espécie de advertência àqueles que não trabalham. Temos, então, o discurso da exaltação do trabalho e o discurso da condenação de quem não trabalha, e o

uso da negação orienta o enunciado para o ponto de vista explicitado anteriormente. Conforme comentado por Ducrot (1988) e por Charaudeau (1992), a negação, portanto, equivale a uma afirmação de um conteúdo negativo.

3.3.2 Figuras enunciativas

3.3.2.1 *As marcas que evidenciam a presença do locutor* – O locutor se inclui como um elemento da descrição semântica da enunciação e, na enunciação, representa-se como *nós*, construindo-se na voz da empresa jornalística como o responsável pela enunciação em que ocorre o enunciado. Nesse sentido, nas SEDs deste texto, temos um locutor genérico – *nós* – responsável pela enunciação.

As marcas lingüísticas que indicam a presença desse locutor genérico, institucional são: (No texto-fonte aparecem outras marcas que indicam a presença do locutor institucional. Optamos por fazer um recorte e, portanto, transcrevemos apenas os enunciados em que são construídas representações sobre o discurso do trabalho.) (a) pessoas verbais que marcam a presença do locutor: (SED 2) *lembramos*; (SED 4) *vivemos*; (b) pronomes que incluem na voz do locutor a instituição como responsável pelo dizer: (SED 5) *nossa* (no texto original, constam duas ocorrências). O emprego desse pronome inclui o locutor e, acompanhado do substantivo *geração*, atualiza a informação, situando-se no tempo da enunciação, do acontecimento.

As escolhas lexicais que se referem tanto à glorificação de quem trabalha quanto à condenação dos que não querem trabalhar podem ser situadas no topo ou na base de uma linha imaginária (Ao mencionarmos *linha imaginária*, referimo-nos a um divisor que separa, no texto, os argumentos que se opõem, para mais ou para menos, em relação ao tema trabalho. Dessa forma, os tópicos-chave representam: (a) o sentido positivo, ao trabalho e ao trabalhador; (b) o sentido negativo, àquele(s) que não gosta(m) de trabalhar.) em que ficam delimitados mais fortemente os sentidos. Essas escolhas lexicais recaem geralmente sobre adjetivos ou sobre substantivos que adquirem valor de adjetivo no contexto em que são expressos, porque indicam o grau de reação do locutor frente ao objeto enunciado.

No texto em estudo, encontramos vários adjetivos que, situados nos limites da linha vertical imaginária, expressam: (a) *uma atitude de valorização do trabalho (limite superior)*: SED 2: *imensa* (Os adjetivos estarão grafados em itálico e receberão a classificação e a interpretação de Kerbrat-Orecchioni.) *colmeia (sic) humana*; *mãos calejadas, gretadas, sujas de terra e negras* ao contato das fábricas; *cabeças inclinadas sobre grossos volumes*; os passos *suaves*; o trabalho *mudo*; SED 3: poema *grandioso*; *imenso* esforço; *grande* trabalhador; SED 2 - SED 10: trabalho é *indispensável*;

(b) *uma atitude de condenação àquele que não trabalha (limite inferior da escala)*: SED 4: *deturpação odiosa*; [...] como *um peso, uma tortura e uma maldição* (substantivos com valor de adjetivo); SED 5: *mentalidade [...] conturbada*; *filosofia pagã e materialista*; [...] esse *imperativo*; *graves* conseqüências; *causas fundamentais*; *horror* ao trabalho; SED 7: *peso morto*.

Seguindo as orientações de Orecchioni (1980), podemos concluir que o uso de adjetivos, em qualquer texto, orienta para um grau maior ou menor de subjetividade. O texto opinativo que estamos analisando caracteriza-se por um certo grau de persuasão no jogo das relações de sentido de linguagem. O locutor, porém, enuncia algo e o impregna de emocionalidade através do emprego de adjetivos. Nesse caso, aparece um subgênero do tipo opinativo/comentário.

Os efeitos do emprego de certos adjetivos potencializam a enunciação e o compromisso efetivo do locutor frente ao que está sendo referido e contextualizado. Para exaltar o trabalho ou para depreciar os que não trabalham, o locutor usa expressões carregadas de valor. Portanto, são adjetivos axiológicos no sentido de

atribuir um valor a coisas ou pessoas, refletindo com isso concepções de mundo, de valor cultural ou ideológico. O trabalho, no texto, está associado a: *caudal inesgotável de energias humanas; passos suaves, poema grandioso; imenso esforço conjugado; imperativo do qual ninguém pode furtar-se; horror ao trabalho*, etc. O uso dessas expressões caracteriza qualidades do objeto, mas implica também comprometimentos do locutor face ao que diz.

3.3.2.2 O enunciador – No texto, as escolhas lexicais que se referem à valoração do trabalho e as que se referem à condenação de quem não quer trabalhar formam imagens muito fortes que estabelecem os sentidos que o texto produz. No jogo dos enunciados, o locutor aponta dois enunciadores: *E1* e *E2*, conforme já afirmado no 1.2. O primeiro enunciador assume a perspectiva de exaltação do trabalho na concepção de esforço e sacrifício que dignifica e assume também a condenação de quem não quer trabalhar porque vê o trabalho como um “peso”. O ponto de vista do locutor corresponde ao ponto de vista expresso pelo *E1* que reforça a perspectiva de que a realização do homem está no trabalho. O *E2* revela-se no uso da negação, uma atitude antagônica em relação à primeira = aqueles que *não* querem trabalhar e em afirmações do tipo (SED 6) “*Ao revés de ser elemento de progresso e felicidade[...], é tido como um peso, uma tortura e uma maldição*”. Ou seja, “*É tido*” (por um *E2*) *como um pêso (sic)*. Nesse caso, no uso da negação, revela-se a afirmação da posição de um *E2*, aquilo que *E1* condena.

Os dois enunciadores, por conseguinte, remetem ao posicionamento do locutor:

<i>E1: Os enunciados e as escolhas lexicais se referem à valorização do trabalho</i>	<i>E1: Os enunciados e as escolhas lexicais se referem à condenação de quem não trabalha e, por conseguinte, opõem-se à posição de um E2</i>
<i>Hinos de louvor ao trabalho.</i>	<i>A preocupação é a fuga desse “peso”.</i>
<i>Mãos calejas e gretadas, sujas de terra e negras.</i>	<i>A mentalidade da nossa geração, conturbada e trabalhada por uma filosofia pagã e materialista, é viver sem trabalhar, fugindo a esse imperativo do Qual ninguém pode furtar-se.</i>
<i>Poema grandioso e profundamente humano.</i>	<i>Uma das causas fundamentais da desordem e da miséria material da nossa época reside no horror ao trabalho.</i>
<i>Milagre da criação.</i>	<i>Viver, gozar, sem trabalhar, eis o lema que desgraça a nossa geração.</i>
<i>Sem o trabalho não há progresso.</i>	<i>Quem não trabalha será presa fácil de todas as desordens, porque a ociosidade é ‘a mãe de todos os vícios’.</i>
<i>O Brasil se salvará pelo trabalho honesto, digno.</i>	<i>Uma nação, uma sociedade, uma família que não trabalha não pode progredir e será um peso morto para a coletividade humana.</i>
<i>Pelo trabalho no verdadeiro conceito ao qual o levou o cristianismo: fator de progresso e da harmonia espiritual.</i>	<i>Conseqüência disto é a corrida alucinante aos postos públicos e a fuga de toda ocupação que exija sacrifícios, suores.</i>
<i>Trabalho é dignidade.</i>	
<i>É indispensável à saúde do corpo, à higiene do espírito.</i>	

As marcas lingüísticas e enunciativas permitem observar que o locutor construiu uma linguagem capaz de levar o interlocutor a fazer uma opção porque apresentou o discurso sobre o trabalho a partir de dois pólos dicotômicos limítrofes: de um lado, *progresso e felicidade na ordem física e moral*, o trabalho significa esforço que dignifica; de outro, a *miséria material e moral* daquele que não trabalha, ou daquele que foge desse esforço, porque considera o trabalho como um “peso”. Assim, o trabalho, tido como esforço (E1), dignifica e leva à redenção e tido como peso (E2) é uma maldição.

3.3.3 Dimensão modal

3.3.3.1 Modalidades de enunciação: (a) asserções positivas: *Trabalho é dignidade/ é poema grandioso e profundamente humano/ é o milagre da criação*, etc.; (b) asserções negativas: *Sem o trabalho não há progresso/a família que não trabalha não pode progredir/quem não trabalha será presa de todas as desordens*, etc.

3.3.3.2 Modalidades do enunciado: (a) o uso de *adjetivos* implica um sujeito que se apropria da língua e a organiza de acordo com o propósito comunicativo que, no caso do gênero opinativo, visa convencer, persuadir o leitor. Assim: *imensa colmeia (sic) humana/mãos calejadas e gretadas/ encruzilhada dramática/quem não trabalha será um peso morto*, etc. são recursos que sinalizam o modo como aquilo que o sujeito diz é dito na construção do sentido do discurso sobre o trabalho; (b) o emprego de *expressões adverbiais* traduz as relações que o locutor mantém com seu enunciado, precisando o grau de adesão frente a um ponto de vista explicitado. Nesse sentido, a expressão *sem dúvida* (SED 7) corrobora a orientação de que *a causa da desordem e da miséria material e moral reside no horror ao trabalho*; (c) o emprego de alguns *verbos auxiliares*, modais por natureza, como o verbo *poder*, nos seguintes enunciados: (1) *viver sem trabalhar... ninguém pode furtar-se a esse imperativo* (SED 7); (2) *uma família que não trabalha não pode progredir* (SED 10); (3) *não se pode fazer melhor elogio...* (SED 13), antecedidos de expressão negativa, reforça a posição do locutor frente aos sentidos que estão sendo construídos, ou seja, em (1) de que o trabalho é uma obrigação (o imperativo é trabalhar); em (2) só quem trabalha progride (o contrário, isto é, quem não trabalha é um *peso morto*); e em (3) só quem trabalha é digno. No texto, esses verbos funcionam também como estratégias de persuasão.

3.4 Nível interdiscursivo

3.4.1 O acontecimento: traços histórico-sociais

3.4.1.1 Contexto imediato institucional/local e da comunidade – O jornal *Correio Riograndense* é um jornal católico e a sua linha filosófica e ideológica marca as suas publicações semanais no sentido de atender a dois grandes princípios: (1) participar do processo de integração do imigrante italiano; (2) e reproduzir os valores e as tradições da pátria de origem, conforme atestam historiadores da história de Caxias. É forte a idéia de que um arraigado sentimento religioso acompanhou o desenvolvimento da região, acelerando o crescimento agrícola e industrial que, aos poucos, definiu os rumos da evolução histórica da região. O artigo de Francisco Galvão, escrito em 1954, continua a reproduzir, portanto, os princípios fundantes do jornal declarados em sua primeira edição.

Além desse aspecto, marcam o texto as vozes da memória histórica que se incorporam no acontecimento da enunciação, indicando os traços culturais do povo da antiga região de colonização italiana. *O mundo ideológico dos imigrantes se caracteriza pelo fascínio da posse da terra e pela crença no trabalho como segredo de sucesso*, conforme refere o *Correio Riograndense*, na edição de 4/5/83, ao mencionar os objetivos e a filosofia do jornal.

3.4.1.2 Contexto social, histórico e ideológico – O discurso sobre o trabalho veiculado no texto atesta a presença de vários discursos sociais e ideológicos. Esses discursos são recuperados por alguns índices presentes no texto, como

veremos a seguir: **(1) o discurso judaico-cristão**, que reforça o caráter penoso do trabalho. O texto, ao mencionar que *uma das causas fundamentais da desordem e da miséria material e moral de nossa época reside no horror ao trabalho, ou que uma família que não trabalha não pode progredir e será um peso morto para a coletividade humana*, recupera, através do jogo da memória, o que já foi dito na Bíblia por São Paulo:

Não temos comido de graça o pão de ninguém; mas, com trabalho e fadiga, labutamos noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós [...] Quem não quer trabalhar, não tem o direito de comer [...] Ora, nós temos ouvido dizer que há entre vós pessoas desregradas. Em lugar de trabalharem, ocupam-se com futilidades. Nós lhe ordenamos e os exortamos em nome do Senhor Jesus Cristo a trabalhar pacificamente. Comam, assim, o pão que tiverem eles mesmos ganho (BÍBLIA, 1958, p. 1539).

De Masi (2000, p. 52) condena todo o modelo social centrado apenas no trabalho e, fazendo uma retrospectiva de como era encarado o trabalho em várias épocas históricas, afirma que, na América, principalmente os emigrantes de países como Polônia, Itália, Hungria, Irlanda, Caribe e de outros países católicos, *as massas católicas, impregnadas da Rerum Novarum que tinham ouvido em todas as Igrejas, estavam convencidas de que tinham o dever de sofrer em silêncio e trabalhar* Na seqüência do discurso, o enunciado *fuga de toda ocupação que exija sacrifícios e suores* trai essa concepção de que o trabalho é sofrimento; (A Encíclica *Rerum Novarum* foi escrita em 1891, por Leão XIII. A encíclica condena *o restrito número de ricos e opulentos que impôs a uma multidão infinita de proletários um jugo que é quase servidão*. A *Rerum Novarum* fala, além disso, sobre a *necessidade das diferenças sociais e do trabalho pesado*. A necessidade lhe acrescentou, depois do pecado, o sentimento da dor e o impôs como uma expiação: *a terra será maldita por tua causa; é pelo trabalho que tirarás com que alimentar-te todos os dias da vida* (DE MASI, 2000, p. 53-54).) **(2) o discurso político** dominante da era Vargas, o qual, ao consolidar as leis trabalhistas no Brasil, permitiu a incorporação no imaginário social coletivo de que só com o trabalho dos trabalhadores existiria progresso e felicidade. A presença dos adjetivos atestam esse tom ufanista na linearidade do discurso; o uso dos modalizadores implica uma relação autoritária do sujeito falante com o interlocutor, ou seja, a voz da verdade que impede a contrapalavra, uma voz que manipula as aspirações coletivas em nome do progresso e desenvolvimento desejados.

A mobilização das massas se dava, portanto, através de uma política populista que pregava a ilusão de que o desenvolvimento levaria à emancipação, ao mesmo tempo e com igual resultado, do país e da classe trabalhadora. Enunciados como: *Sem o trabalho não há progresso; Uma nação, uma sociedade, uma família que não trabalha não pode progredir e será um peso morto para a coletividade humana; O Brasil se salvará pelo trabalho honesto, digno*, e outros, do texto de Francisco Galvão, recuperam no presente da enunciação, ou do acontecimento que celebra o dia do trabalho, os outros acontecimentos inscritos na memória, os relatos que fazem parte da história do nosso país; **(3) o discurso do imigrante**, isto é, a filosofia do *trabalho, trabalho e trabalho*, historicamente atribuída aos imigrantes europeus e a seus descendentes, entre eles os alemães e italianos. (A identidade regional da região de colonização italiana é até hoje reverenciada pela filosofia do *trabalho - trabalho, trabalho e trabalho*. Costa (1997, p.75) menciona que o imigrante ou seus descendentes contribuíram para criar uma imagem do Estado do Rio Grande do Sul como um todo, na medida em que cultivaram uma idéia de *abundância e de auto-suficiência ligada basicamente à ética do trabalho*.) Eles acreditavam que enriqueceriam com o trabalho e, por isso, dedicaram-se muito a ele. Um

pedaço de terra para plantar e muita vontade de progredir resumem a determinação dos primeiros imigrantes. O locutor do texto recupera a memória social e histórica do passado do agricultor quando articula as expressões *mãos calejadas e gretadas, sujas de terra; se casam o ranger dos arados, o chiar dos carros dos bois; e a fuga de toda ocupação que exija sacrifícios e suores* com outras que indicam a atualização das informações quando diz: *mãos negras ao contato das fábricas e oficinas; os silvos das locomotivas, o retumbar das máquinas; e vozeiam mercados e soletram escolas*, etc.

3.4.1.3 O alinhamento ideológico – A interpretação do texto já permite mencionar a ideologia subjacente, porque não deixa dúvidas sobre os comprometimentos históricos e sociais que estão em jogo entre os sentidos explícitos, da mesma forma que os silenciamentos inferidos na seqüência discursiva. Podemos, dizer, portanto, que o texto mascara a realidade, porque ele silencia a situação do trabalhador, (De novembro de 1943 a janeiro de 1952, não houve qualquer aumento do salário mínimo ou mesmo de outros salários. Os preços subiam a velocidades crescentes (em parte alimentados pela inflação internacional), o que reduzia o poder aquisitivo dos trabalhadores.) naquele período, e porque, ao reproduzir uma visão sonhadora e idílica do trabalho humano, obriga o trabalhador a pensar sobre a condição de sua dignidade humana atrelada incondicionalmente ao trabalho, isto é, quem trabalha tem dignidade; quem não trabalha não tem dignidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos do pressuposto de que o texto é um artefato cultural, no sentido de ser um certificado de presença de um acontecimento discursivo, no qual a idéia de um presente temporal e de acontecimentos que irrompem pelo jogo da memória fundem-se e (re)criam significados. O texto age, dessa maneira, como uma “antena cultural”, captando, transmitindo e traduzindo os sinais e as mudanças, refletindo e orientando de perto alguns sistemas de valores do indivíduo e da sociedade em que se insere. Ultrapassando os limites dessa metáfora, o texto é concebido aqui, neste artigo, como um objeto empírico, o lugar em que se cruzam significações lingüístico-semânticas, sociais e históricas sobre uma dada realidade tão complexa quanto mutável e inconclusa. Mais especificamente, estamos nos referindo ao *discurso sobre o trabalho*, marcado culturalmente, que constrói representações simbólicas significativas que identificam alguns modos de ser da coletividade aqui focada.

Essas considerações finais relacionam a fundamentação teórica abordada com as análises descritivas lingüístico-lexicais, as quais funcionam como pistas para interpretar o discurso no texto selecionado.. Nesse sentido, compõem o objeto de nossas finalizações: (1) o texto opinativo jornalístico; (2) o processo de modalização enquanto indicador da presença de um sujeito que assume um ponto de vista e deixa marcas no discurso; (3) as representações do trabalho em sua relação com as diferentes interpretações ideológicas indicadas no texto através das vozes enunciativas do discurso; (4) e, finalmente, as relações desses discursos com a realidade cultural da comunidade em que é produzido o jornal *Correio Riograndense*. Vejamos:

4.1 Sobre o gênero opinativo jornalístico

4.1.1 A análise do texto selecionado permite que se afirme que a objetividade argumentativa, que, de modo geral, caracteriza o gênero opinativo, fique comprometida na medida em que os modalizadores do enunciado indicam sua natureza subjetiva, podendo ser afetivos ou avaliativos axiológicos, segundo as categorias de Kerbrat-Orecchioni;

4.1.2 o estilo persuasivo de ordem mais intelectual/neutro é substituído por um estilo persuasivo subjetivo, de ordem afetiva e avaliativa, através do emprego intensivo de adjetivos;

4.1.3 o locutor deixa marcas no texto com relação ao discurso, ou à perspectiva enunciativa a que está aderindo, através do emprego da primeira pessoa verbal do plural (pronome *nós* e correspondente emprego verbal). Isso permite afirmar que a impessoalidade que caracteriza o gênero opinativo jornalístico é substituída por um direcionamento identificável nas marcas presentes na superfície discursiva que situam um locutor. Este representa a voz da Instituição jornalística, que assume a responsabilidade do seu dizer, orientando-se pelo discurso fundador do *Jornal Correio Riograndense* que destaca sua função de ser porta-voz da religião católica na região das antigas colônias italianas do Rio Grande do Sul.

4.1.4 o texto opinativo analisado organiza os diferentes discursos e deixa prevalecer a voz de uma perspectiva sustentada pela ideologia religiosa católica;

4.1.5 o texto analisado permite identificar um jogo semântico que situa os enunciados em pólos distintos, antagônicos entre si: *X versus Y*. Nesse jogo de contrastes, prevalecem dois blocos significativos: de um lado, a positividade, a exaltação do trabalho e do trabalhador; de outro lado, a negatividade, a condenação de quem não trabalha ou de quem vê o trabalho apenas como uma fonte de lucro, ou como um peso. Percebem-se muitas vozes, ou perspectivas de enunciadores na superfície discursiva, mas os pontos de vista se distinguem claramente do assumido pelo locutor, que se posiciona assim: *se isso X, então aquilo não-X*.

Sobre o processo persuasivo e a modalização

4.2.1 A argumentação persuasiva que caracteriza o gênero opinativo fica comprometida na medida em que as modalidades de enunciação modalizam o discurso orientando a argumentação para um único ponto de vista, buscando sempre fechar as possibilidades da contrapalavra. O que é dito apresenta-se como verdade única;

4.2.2 as modalidades do enunciado, que traduzem a forma como o locutor se inscreve no enunciado, mostram que o locutor, o que usa a palavra e assume uma posição, emprega expressões predominantemente de natureza afetiva ou avaliativa indicando um grau de apreciação e de emocionalidade do sujeito frente ao que enuncia;

4.2.3 os enunciadores resgatam na atualidade dos acontecimentos os sentidos já instituídos na memória social coletiva e, ao resgatá-los, impõem novos sentidos. Essa integração enunciação – memória deixa marcas na seqüência discursiva. O sujeito locutor (o sujeito institucional) instaura uma relação entre língua e história/cultura, e pelo seu modo de referir o dito inferimos suas posições ideológicas. Dessa forma, fazem-se presentes diversas concepções do mundo, crenças e valores, mas todas passam pelo crivo da ideologia religiosa católica. Perspectivas da doutrina social da Igreja, da Bíblia, das Encíclicas de cunho social, enfim, essas concepções é que embasam o processo persuasivo, instituindo um discurso único sobre o trabalho, que se confunde com a voz universal de que o trabalho dignifica o homem, é fator de realização humana e de progresso econômico e social.

4.3 Sobre as representações do trabalho e as marcas das concepções ideológicas

A construção pelos sujeitos do discurso de concepções ou de categorias do trabalho significam referenciais que orientam a visão de mundo de uma determinada coletividade sociocultural. O jornal permitiu-nos identificar várias categorias sobre as representações do trabalho, todas, porém, derivadas de um eixo central que se nos configura como uma dada formação ideológica religiosa católica.

Portanto, concluímos que:

4.3.1 os textos, de modo geral, enfatizam dois momentos importantes ao relacionarem ao contexto social em que está inserida a instituição jornalística: (1) o *contexto imediato*, ou seja, as condições de produção do texto, como o *aqui* e o

agora da enunciação, ou seja, o acontecimento do Dia do Trabalho, o lugar da instituição e o sujeito falante que produz textos. Encontramos marcas que evidenciam o desejo de propagar a ideologia católica, levando a religião a todos os recantos da região italiana com o propósito de reproduzir e reforçar valores fortemente cristãos presentes na cultura italiana. O sujeito locutor, que assume o discurso da instituição jornalística, é frei capuchinho e, conseqüentemente, ao falar, o faz desse lugar que ocupa socialmente, ou seja, reproduz a filosofia dos freis capuchinhos da Ordem Franciscana e do jornal para quem escreve; (2) o *contexto mais amplo*, o contexto histórico-social que atesta a presença de ideologias que abordam o discurso do trabalho;

4.3.2 no contexto mais amplo, distinguimos a presença de representações sobre o trabalho que indicam a que ideologias servem:

4.3.2.1 o discurso da Revelação judaico-cristã: *reforça o caráter penoso do trabalho, o sentimento da dor e da expiação do pecado original pela concepção de que é pelo suor de seu rosto que o homem ganhará o seu pão de cada dia;*

4.3.2.2 o discurso político: *reforça, no imaginário social coletivo, a idéia de que só o trabalho dos trabalhadores faz o país crescer e encontrar felicidade;*

4.3.2.3 o discurso do imigrante: *reforça a filosofia do trabalho, trabalho e trabalho como impulso vital para o imigrante realizar seus desejos de ter um pedaço de terra para plantar e, assim, enriquecer;*

4.3.2.4 o discurso do imaginário coletivo universal: *reforça a idéia de que o trabalho dignifica o homem: quem trabalha tem dignidade; quem não trabalha não tem dignidade;*

4.3.2.5 o discurso da doutrina social da igreja: *reforça o homem como centro do processo econômico-financeiro e não meramente um meio, sendo o trabalho a condição primeira para o desenvolvimento da sua personalidade;*

4.3.2.6 o discurso que aproxima posições antagônicas, tanto do sistema capitalista quanto do sistema comunista: *glorifica apenas o trabalho e não o trabalhador. Enquanto o primeiro olha o trabalho e o trabalhador como instrumentos de lucro, o segundo enfatiza o trabalho da produção material. Nessa concepção, o homem é uma máquina e não uma pessoa, e o seu trabalho é uma mercadoria.*

Ao “concluir” esta análise, que levou em conta um posicionamento teórico e metodológico que considera a complexidade da língua como um fenômeno que se constitui heterogeneamente na relação entre o interno [o que é próprio do sistema da língua] e o externo [os sentidos da realidade social, histórica e ideológica], reforçamos o nosso posicionamento de que este trabalho descritivo é apenas um *gesto de interpretação* acerca de um fenômeno da comunidade das antigas colônias italianas que considera o *trabalho* como um valor de identidade.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail (1895-1975). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão, Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção Ensino Superior).

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Revisão do Prof. Isaac N. Salum. 4. ed. Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1995. (Linguagem Crítica).

_____. *Problemas de lingüística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.

BÍBLIA. Segunda Epístola aos Tessalonicenses 3, 7-12. São Paulo, 1958. p. 1539.

COSTA, Rogerio Haesbaert. *Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no nordeste*. Rio de Janeiro: Ed. da Universidade Federal Fluminense, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et d'expression*. Paris: Hachete Livre, 1992.

CORREIO RIOGRANDENSE. Frei Bruno sonha com jornal na evangelização desde 1904. Edição Comemorativa, Caxias do Sul, ano 88, n. 4.499, 16 out.1996, p. 24.

DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Tradução de Léa Manzi. 5. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DUCROT, Oswald. *Dizer e não dizer: princípios de semântica lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Polifonia y argumentacion: conferencias del seminario teoria de la argumentación y análisis del discurso*. Universidade del Valle – Cali, 1988.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky; revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Viera de Moraes. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

MALDIDIER, Denise. A inquietude do discurso. Um trajeto na história da análise do discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. Tradução de Leci Borges Barbisan (2001). In: *Discours social: analyse du discours et sociocritique des textes*. Paris: Éditions des Cendres, 1992.

MARCONDES, Danilo. *Filosofia, linguagem e comunicação*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

MOIRAND, Sophie. *Une grammaire des textes et des dialogues*. Paris: Hachette, 1990.

ORECCHIONI, Cathérine K. *La enunciación de la subjetividad en el lenguaje*. Buenos Aires: Libreria Hachette S. A., 1980.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997a. p.163-252.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997b.

PIRES, Vera Lúcia. Análise de discurso e relações de gênero: romper com o bom senso e instituir sentidos plurais. In: CORACINI, Maria José; PEREIRA, Aracy Ernst (Orgs.). *Discurso e sociedade: práticas em análise do discurso*. Pelotas: ALAB/Educat, 2001. p. 301- 339.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

UM SÉCULO entre os gaúchos. *Correio Riograndense*. Caxias do Sul, ano 88, n. 4.499, p. 1- 2, 16 out.1996.

ANEXO:

TEXTO:

DIA DO TRABALHO - Autor: Francisco Galvão - Data: 28/ 04/ 1954

No dia primeiro de maio, em todo Brasil, erguem-se hinos de louvor ao trabalho.

E lembramos essa imensa colmeia humana que se agita e afana nas oficinas, nas escolas, nos escritórios, nos bancos acadêmicos, nos campos. Uma caudal inesgotável de energias humanas que dia a dia se consomem em benefício da coletividade.

Lembramos as mãos calejadas e gretadas, sujas de terra e negras ao contato das fábricas e oficinas, as frentes tostadas pelo sol e enrugadas pelas vigílias de pesquisas nos laboratórios, as cabeças inclinadas sobre grossos volumes, em busca de luzes, a esfaltante tarefa de abrir olhos à luz dos livros nas escolas, os passos suaves dos que vigiam a noite toda a cabeceira dos doentes, o trabalho mudo dos joelhos dobrados e das mãos juntas na prece.

É poema grandioso e profundamente humano, que se renova no milagre cotidiano dum imenso esforço conjugado no qual “se casam o ranger dos arados, o chiar dos carros dos bois, os silvos das locomotivas, o retumbar das máquinas, o ferver, o fervor dos engenhos, o clamor dos sinos, o clangor dos clarins dos quartéis... em que se extenuam braços, e se esfaltam corações, e ardem cérebros, e resfolegam fábricas, e estrugem estaleiros, e vozeiam mercados, e soletram escolas, e rezam igrejas”.

É o milagre da criação, iniciada por Deus Onipotente e continuada pelos homens.

Vivemos numa época em que o conceito do trabalho sofre uma deturpação odiosa. É um avilamento sintomático. Ao revés de ser elemento de progresso e felicidade na ordem física e moral, é tido como um peso, uma tortura e uma maldição.

A preocupação é a fuga desse “peso”. A mentalidade da nossa geração, conturbada e trabalhada por uma filosofia pagã e materialista, é viver sem trabalhar, fugindo a esse imperativo do qual ninguém pode furtar-se, sem desordens morais e graves conseqüências.

Sem dúvida, uma das causas fundamentais da desordem e da miséria material e moral da nossa época, reside no horror ao trabalho.

Sem o trabalho não há progresso.

Uma nação, uma sociedade, uma família que não trabalha não pode progredir e será um peso morto para a coletividade humana.

Viver, gozar, sem trabalhar, eis o lema que desgraça a nossa geração. Conseqüência disto é a corrida alucinante aos postos públicos e a fuga de toda a ocupação que exija sacrifícios, suores. Será para estranhar que nos encontremos numa encruzilhada dramática, pobres, esgotados, à beira de um abismo, nessa apavorante espiral de aumento de salário e das necessidades ?

O Brasil se salvará pelo trabalho honesto, digno. Pelo trabalho no verdadeiro conceito ao qual o levou o cristianismo: fator de progresso e da harmonia espiritual.

Trabalho é dignidade. Não se pode fazer maior elogio a alguém, do que dizer: é um grande trabalhador. É indispensável à saúde do corpo, à higiene do espírito. Quem não trabalha será presa fácil de todas as desordens, porque a ociosidade é “a mãe de todos os vícios”. Economicamente o trabalhador é indispensável ao progresso, à riqueza e à prosperidade.

Como argumento supremo deste imperativo, temos o exemplo do próprio Cristo, filho de Deus, que pelo dilatado espaço de trinta anos, trabalhou na oficina de S. José.

Qualquer seja a natureza do trabalho, sempre dignificará quem o realiza. Reconstituamos, portanto, o trabalho na sua exata posição para a grandeza do nosso Brasil.

O Correio Rio – Grandense presta sua homenagem a todos os que dedicam as suas energias num trabalho útil e produtivo. Graças a Deus, embora mergulhados num ambiente asfixiante, existem forças vitais empenhadas na grandeza da nossa pátria. A elas nossas homenagens e nosso apoio.